

Marco Neves

# PORTUGUÊS

DE

A

A

Z

ARMADILHAS E  
MARAVILHAS  
DA LÍNGUA

NÃO-FICÇÃO · LÍNGUA PORTUGUESA

# ÍNDICE

Introdução . . . . .	13
<b>A. Acentos e sinais . . . . .</b>	<b>17</b>
Acentos gráficos. . . . .	17
Sinais diacríticos: til e cedilha . . . . .	22
Apóstrofo . . . . .	22
<b>B. Biliões e outros números . . . . .</b>	<b>23</b>
A escala longa e a escala curta . . . . .	23
Separador decimal . . . . .	25
Ordinais e símbolos. . . . .	26
Percentagens . . . . .	26
<b>C. Contrações (e uma palavra em apuros). . . . .</b>	<b>28</b>
Palavras unidas . . . . .	28
Agruras duma contração . . . . .	29
<b>D. Dicionários e mudanças. . . . .</b>	<b>32</b>
Para que serve um dicionário? . . . . .	32
Por que razão o sentido das palavras muda? . . . . .	33

<b>E. Escrever (em cinco passos)</b> . . . . .	<b>38</b>
1. Investigar . . . . .	38
2. Planear . . . . .	39
3. Escrever. . . . .	40
4. Reescrever . . . . .	43
5. Arriscar . . . . .	45
<b>F. Frases na oficina.</b> . . . . .	<b>48</b>
1. Ler a frase em voz alta . . . . .	48
2. Pensar na divisão entre frases e na sua estrutura interna. . . . .	50
3. Reparar nas repetições . . . . .	53
<b>G. Gramática e termos úteis.</b> . . . . .	<b>56</b>
Gramática . . . . .	56
Hipercorreção . . . . .	57
Registo . . . . .	57
Dialecto . . . . .	57
Língua. . . . .	58
Idiolecto. . . . .	59
Sociolecto . . . . .	59
Regra de etiqueta . . . . .	59
Norma. . . . .	60
<b>H. Haver e os seus quês.</b> . . . . .	<b>64</b>
O verbo «haver» tem os seus quês . . . . .	64
«Atrás»? . . . . .	66
<b>I. Intraduzibilidade da saudade.</b> . . . . .	<b>70</b>
<b>J. Juntar palavras</b> . . . . .	<b>74</b>
Hífen . . . . .	74

Como se faz o plural dos nomes compostos? . . . . .	78
Palavras feitas de várias palavras . . . . .	78
<b>L. Literatura e outros prazeres . . . . .</b>	<b>81</b>
<b>M. Maiúsculas e minúsculas. . . . .</b>	<b>86</b>
<b>N. Neologismos (e outras palavras novas). . . . .</b>	<b>91</b>
<b>O. Origem da língua . . . . .</b>	<b>94</b>
Que língua falava Afonso Henriques? . . . . .	94
Quem deu o nome ao português? . . . . .	96
<b>P. Pronomes: antes, no meio ou no fim? . . . . .</b>	<b>99</b>
<b>Q. Queria ou quer: os erros falsos . . . . .</b>	<b>102</b>
O que é um erro falso? . . . . .	102
As palavras de pijama . . . . .	104
A curiosidade da língua. . . . .	106
«Tirar impressões digitais» . . . . .	107
«Fazer a barba» . . . . .	108
«Já agora» . . . . .	108
«Beijinhos grandes». . . . .	109
«Queria ou quer?». . . . .	110
O rigor e o prazer da língua . . . . .	111
<b>R. Recortar palavras . . . . .</b>	<b>113</b>
Siglas . . . . .	113
Acrónimos . . . . .	113
Abreviaturas. . . . .	114
Símbolos . . . . .	114

<b>S. Sinais de pontuação . . . . .</b>	<b>115</b>
Ponto . . . . .	115
Ponto de exclamação . . . . .	118
Ponto de interrogação. . . . .	121
Reticências . . . . .	122
Dois pontos . . . . .	124
Vírgula . . . . .	127
Ponto e Vírgula . . . . .	140
Travessão . . . . .	142
Parênteses . . . . .	145
Aspas . . . . .	148
Formas de destaque . . . . .	149
<b>T. Tratamentos à portuguesa . . . . .</b>	<b>152</b>
<b>U. Usos &amp; Costumes . . . . .</b>	<b>154</b>
«À» ou «á»? . . . . .	154
«Açoriano» ou «açoreano»? . . . . .	155
«Alugar» ou «arrendar»? . . . . .	155
«Apóstrofo» ou «apóstrofe»? . . . . .	156
«Âs» ou «ás»? . . . . .	157
«As milhares de horas» ou «Os milhares de horas»? . . . . .	157
«À-vontade» ou «à vontade»? . . . . .	157
«Bênção» ou «benção»? . . . . .	158
«Blogue» ou «blog»? . . . . .	158
«Cabo-verdiano» ou «cabo-verdeano»? . . . . .	159
«Contacto» ou «contato»? . . . . .	159
«Cozer» ou «coser»? . . . . .	160
«Despercebido» ou «desapercebido»? . . . . .	160
«Despoletar» ou «espoletar»? . . . . .	160
«Do» ou «de o»? . . . . .	161

«Dum» ou «de um»? . . . . .	162
«Em França» ou «na França»? . . . . .	162
«Enquanto que» ou «enquanto»? . . . . .	164
«Facto» ou «fato» . . . . .	164
«Fazer a barba» ou «desfazer a barba»? . . . . .	164
«Há» ou «à» . . . . .	165
«Havia» ou «haviam»? . . . . .	165
«Interveio» ou «interviu»? . . . . .	165
«Malfeito» ou « <del>mal-feito</del> »? . . . . .	167
«Manda-mos» ou «mandamos»? . . . . .	167
«Não há nada» ou « <del>há nada</del> »? . . . . .	167
«O comer» ou «a comida»? . . . . .	168
«O que» ou «que»? . . . . .	168
«Oficial» ou «oficioso»? . . . . .	168
«Órgão» ou « <del>orgão</del> »? . . . . .	168
«Ouro» ou «oiro»? . . . . .	169
«Outrem» ou « <del>outrém</del> »? . . . . .	169
«Porque» ou «por que» . . . . .	169
«Precariedade» ou « <del>precaridade</del> »? . . . . .	170
«Puder» ou «poder»? . . . . .	170
«Rubrica» ou « <del>rúbrica</del> » . . . . .	170
«Separa-se» ou «separasse»? . . . . .	170
«Soalheiro» ou «solarengo»? . . . . .	171
«Ter pago» ou «ter pagado» . . . . .	171
«Trás» ou «traz»? . . . . .	172
«Um dos que falaram» ou « <del>Um dos que falou</del> »? . . . . .	172
«Vêm» ou «vêem»? . . . . .	172
«Viria» ou «vinha»? . . . . .	173
«Voo» ou « <del>vôo</del> »? . . . . .	173

<b>V. Verbos (ou a máquina das frases)</b> . . . . .	<b>174</b>
«Acabar de terminar» é redundante? . . . . .	<b>175</b>
A flexão verbal . . . . .	<b>176</b>
Os verbos auxiliares . . . . .	<b>182</b>
A voz passiva . . . . .	<b>183</b>
Qual é a origem da flexão verbal? . . . . .	<b>184</b>
Como moldar o verbo ao nosso gosto? . . . . .	<b>185</b>
<b>X. [Censurado].</b> . . . .	<b>191</b>
Para que serve um palavrão? . . . . .	<b>191</b>
Qual é o palavrão mais usado em Portugal? . . . . .	<b>196</b>
<b>Z. Z, cedilhas e a invenção das letras</b> . . . . .	<b>199</b>
1. A invenção da escrita . . . . .	<b>199</b>
2. A invenção das letras . . . . .	<b>202</b>
3. A invenção das vogais . . . . .	<b>204</b>
4. A invenção do alfabeto latino . . . . .	<b>205</b>
5. A invenção da cedilha (e companhia) . . . . .	<b>207</b>
6. A invenção da imprensa . . . . .	<b>209</b>
7. Violinos e outras invenções . . . . .	<b>211</b>
<b>Notas</b> . . . . .	<b>215</b>

# Introdução

**A** nossa língua permite-nos gritar, discutir, conversar. Todos nós, falantes de português, sabemos usá-la e nem sempre reparamos no intrincado mecanismo mental que está por trás dos sons que saem das nossas bocas. A escrita – uma tecnologia bem mais recente que a língua – dá-nos o poder de transformar e amplificar esses gritos, discussões e conversas em cartas de amor, bilhetes urgentes, mensagens indignadas, artigos científicos, actas de animadas reuniões, ensaios sobre o mais recôndito dos assuntos ou até, em raras mãos, obras literárias que ficam na história da humanidade.

Este livro tem um propósito: servir de ferramenta a quem escreve. Quer ser um livro prático, de fácil consulta. É um livro feito de escolhas, concentrado nas dúvidas que temos ao passar as palavras para o papel ou para o ecrã – é ainda um livro que não se esquece das maravilhas da nossa língua, desde a história da sua origem à história das nossas letras. São precisamente as letras que lhe servem de fio condutor: por ser um livro pensado para quem escreve, decidi organizá-lo por ordem alfabética.

É um livro que serve também – ou pelo menos gostaria que servisse – para *desarmadilhar* a língua; por isso tem a palavra «armadilhas» no título. A maior armadilha de todas é vermos a língua como um campo de minas. Há dúvidas, há dificuldades, mas todos temos a gramática do português na cabeça – só não a sabemos usar assim tão bem no papel ou no ecrã (ou quando precisamos de falar

numa situação que nos seja pouco comum). O que há a fazer é aprender a usar essa gramática para fazermos o que queremos pela escrita – e essa aprendizagem faz-se lendo, escrevendo e, uma vez por outra, consultando um livro como este.

\* \* \*

O livro que tem nas mãos concentra-se no padrão do português, uma mera fatia da língua. Há uma tensão entre a necessidade de padronizar o idioma e o espanto perante a criatividade revelada pelos falantes, para lá de qualquer norma. Essa tensão não se resolve facilmente. Devemos admitir que o padrão é feito de escolhas e que essas escolhas não correspondem ao *português verdadeiro* ou ao *melhor português*. São apenas isso: escolhas.

Para resolver esta tensão, caímos frequentemente no erro do *moralismo linguístico*, que julga ser possível delimitar um conjunto estável de regras sagradas da língua, fora das quais apenas haveria ignorância e perdição. Ora, muito antes de haver gramáticas e dicionários escritos, já havia língua e da boa. O padrão – de que trata este livro – é um instrumento de ensino e comunicação. Não é chão sagrado. É, antes de mais, *discutível*, no melhor sentido do termo.

Quando pomos em causa tal moralismo, há quem tenha medo de que tudo esteja em causa, de que a língua se esvaia só porque não aceitamos acriticamente o conjunto de particulares regras a quem o interlocutor de circunstância dá estatuto de letra sagrada. Se aceitarmos variação numa determinada construção, teremos também de aceitar – de acordo com esta visão amedrontada – todos os erros e toda a iniquidade. Ora, a tensão entre padrão e variação não é a mesma nas várias áreas da língua.

A ortografia é puramente convencional. A noção de erro ortográfico é particularmente clara. Não é, no entanto, parte do coração da língua: idiomas há que são escritos com diferentes ortografias ou mesmo com diferentes alfabetos.

A sintaxe e a morfologia (as regras de gramática) são estáveis por natureza, com mudanças graduais ao longo de muito tempo. Saliente-se que estas são áreas que obedecem a mecanismos e tendências não perfeitamente compreendidos. As regras gramaticais surgem primeiro, espontaneamente, na interacção entre os falantes, e só depois passam para as gramáticas e os dicionários. Por outras palavras: a gramática não se deduz *a priori*, mas observa-se (e, por vezes, *escolhe-se*, como no caso do padrão) a partir dos hábitos sistemáticos dos falantes, a quem deve ser dado (pelo menos) o benefício da dúvida quando tendem a dizer ou a escrever de determinada maneira. Felizmente, os hábitos dos falantes mudam lentamente – basta pensar que as sintaxes do galego e do português, com uma fronteira a dividi-los há tantos séculos, estão ainda hoje muito próximas.

O léxico, por outro lado, é particularmente dinâmico – a forma das palavras muda e o seu conteúdo muda ainda mais – não de todas as palavras, claro está (algumas aguentam-se muito bem ao vento dos tempos), mas de grande parte delas, sujeitas à constante negociação espontânea entre falantes. É essa a razão por que os dicionários têm de ser actualizados tão frequentemente – e é também essa a razão por que, quando escrevemos sobre algum conceito particular, devemos tentar defini-lo bem para não arriscarmos estar a escrever sobre *x* e quem nos lê estar a ouvir *y* (um **risco que nunca desaparece por completo**).

A gramática e o léxico são campos onde há variação: todos conhecemos não só palavras diferentes de acordo com a região e a classe social, como também maneiras diferentes de construir as